

PREÂMBULO

O conceito de “serra”, no sentido geográfico deste termo de origem latina, é um conceito empírico interiorizado no senso comum. A percepção que se tem é de que se trata de um conjunto de montes, montanhas ou grandes elevações de terreno. Menos se terá pensado, sobre algo que conduzisse a formas de delimitar estas importantes entidades geográficas. Sabe-se onde ficam, mas não se sabe desde onde e até onde, com um mínimo de rigor. É como que um axioma geográfico: sabe-se onde se localizam, com maior ou menor evidência, mas não se sabe exactamente onde começam e onde terminam. O conceito, subjectivo quanto baste, não permite materializar esses limites e é preciso dar-lhe contornos para que tal seja possível.

Do ponto de vista científico as serras são consideradas não somente como entidades físicas ou elementos do relevo, principalmente do âmbito da Geomorfologia – são formas de relevo - mas também da Climatologia como elementos do clima. Funcionam como barreiras climáticas às massas de ar, ali se originam diferenças de temperatura e pressão atmosférica e sistemas locais de circulação eólica, diferenças de humidade, entre outros aspectos que dão origem a condições ambientais particulares. São, em suma, elementos da Geografia Física em geral, que constituem fronteiras físicas e biofísicas. Estas entidades, sobretudo as de maior dimensão, podem mesmo dispor de uma paisagem particular e constituir ecossistemas próprios com variações em altitude. A sua dimensão espacial, variável, impõe ainda diferentes escalas de influência, desde a local à regional, continental e até global se pensarmos, por exemplo, nas grandes cadeias montanhosas dos Himalaias e nas monções.

As serras maiores tornam-se também barreiras humanas - sociais e culturais determinando actividades, fronteiras, movimentos populacionais, paisagens características, localização de povoações ligadas a actividades do meio, comércio, contribuem para a formação de culturas e sociedades específicas, ou até são locais associáveis à religião e espiritualidade: na Sagrada Escritura, por diversas vezes, Deus escolhe montes para falar aos seus profetas (por exemplo os montes Tabor, Sião, Moria, Sinai, Horeb, ou o monte Ararat onde terá enclachado a Arca de Noé,

etc.); os cumes de muitas serras em Portugal têm santuários ou edifícios dedicados a santos ou à religião (católica) em geral. Aliás, existem mesmo muitos nomes de serras (cerca de 12%) e montes ligados a santos. Servem ainda de fronteiras político-administrativas e, na história, formaram baluartes defensivos contra inimigos de que muitos castelos alcandorados dão hoje testemunho. As suas cumeadas são em geral locais de refúgio, silêncio, e que transmitem grandiosidade e imponência, já que a sua proeminência permite abarcar uma enorme amplitude paisagística: dali se pode ver «o mundo inteiro»! A Serra da Estrela, a maior de Portugal, merece-nos um destaque particular: é referida pelo grande historiador da cidade da Covilhã José Aires da Silva, como “*factor geográfico relevante para a formação da nação portuguesa*”, fronteira entre os reinos de Castela e Leão e Portucale no Século XI (José Aires da Silva, “História da Covilhã”, p.169 e “Covilhã Terra Mãe”, p. 45), constituiu uma incontornável barreira orográfica que condicionou todos os movimentos geoestratégicos e geoeconómicos daquela época em que Portugal se tornou independente e retomou a Reconquista, já para não falar em ter sido um baluarte lusitano em tempos de expansão romana uns séculos antes.

Como formas de relevo, constituem acidentes do terreno, proeminentes, que dominam e condicionam a paisagem e o ambiente natural e humano. Mas, para além destes conceitos, muito pouco se avançou do ponto de vista científico para delimitar essas importantes entidades geográficas, principalmente porque o próprio conceito de serra não é claro o suficiente para que se possa materializar.

Pode dizer-se que a Orografia, é a componente da Geografia que descreve as serras. Neste contexto, este trabalho pretende responder a uma questão: quais são e onde ficam as serras em Portugal Continental, quais são os seus nomes e limites e, a partir daí, determinar as suas dimensões relativas e absolutas. Isso passa, em primeiro lugar, por materializar o conceito empírico de serra.

Não se trata de fazer a descrição individual das serras, mas do contexto geral e do enquadramento das serras nesse contexto. Poder-se-ia mesmo chamar um trabalho de análise orográfica, mas o compromisso de descrever as serras obrigaria forçosamente a entrar num detalhe significativamente maior, como por exemplo fazer um enquadramento e análise geomorfológica individual ou mesmo de grupo.

Os limites que foram estabelecidos não obedeceram a critérios exclusivamente geomorfológicos, pois dependeram, *à priori*, do posicionamento relativo dos topónimos nos diferentes mapas oficiais que se tornou condicionante primária, pois muitos limites não seriam apresentados tal como são, se as serras não tivessem já nomes - colocados numa determinada posição no mapa à espera que alguém lhes desse limites - ou se os limites tivessem sido feitos a partir duma topografia sem topónimos.

Mas será assim tão importante abordar-se esta temática na perspectiva da identificação mais ou menos precisa das serras? A perspectiva de identificar, delimitar e classificar as serras de forma mais ou menos precisa, permite colmatar uma lacuna importante na Geografia de Portugal Continental e pode desencadear processos/trabalhos similares para outros territórios/países e chegar a sistemas de classificação, só agora mais viabilizáveis ou, pelo menos, de concretização facilitada pelo advento e banalização dos sistemas de informação geográfica (SIG), já há pelo menos 3 décadas.

A ideia deste trabalho decorreu da necessidade de identificar serras para localizar com relativa precisão algumas condicionantes orográficas numa perspectiva climatológica. Esta temática já foi abordada por [Daveau e outros \(1977 e 1985\)](#) onde se esboçaram, em muito pequena escala (portanto com uma exactidão muito baixa) os limites, a dimensão, orientação e forma geral dos principais acidentes do relevo onde se incluíam serras. Mas esse trabalho não tinha como objectivo a delimitação e caracterização das serras, mas tão somente identificar barreiras orográficas com impacto climático. Para o efeito seria suficiente, mas se tivesse sido preciso detalhar, mesmo neste contexto, não se teria conseguido saber exactamente onde começavam e acabavam os elementos importantes identificados de forma grosseira para se nos lhe referirmos a preceito.

A melhoria das ferramentas cartográficas, nomeadamente o eclodir dos SIG, têm vindo a permitir melhorar o conhecimento sobre entidades geográficas que, de um modo geral, até agora eram subjectivamente conhecidas na sua dimensão e localização como é o caso das serras, de Portugal. No entanto, o trabalho já poderia ter sido efectuado mesmo sem recurso a SIG, uma vez que já existe há muito anos cartografia topográfica com o detalhe requerido.

Apesar das inúmeras publicações que existem sobre a matéria, estas unidades morfológicas de extrema relevância para o conhecimento da Geografia de Portugal, não foram sistematizadas na sua dimensão espacial, definição e designação. O próprio conceito de serra é assim, vago, quando se trata de tentar individualizar estas unidades geográficas e de se lhes poder referir com propriedade, tão relevantes nos diferentes contextos locais regionais e nacionais. Torna-se, pois, complexa, a sua materialização no terreno, isto é, o seu mapeamento: identificar e georreferenciar o espaço que ocupa. Se quanto ao cume, um ponto de cota mais elevada o representa, quanto à delimitação do “corpo” da serra, há que estabelecer critérios que, não podendo ser rigorosos ou demasiado rígidos, permitam de algum modo individualizá-lo no espaço. É esta a tarefa primordial que este trabalho se propõe concretizar e a sua análise é um objectivo que vem por acréscimo.

Assim, o objectivo geral é o de delimitar, a uma escala média, os perímetros das serras portuguesas do continente, estabelecer uma hierarquia entre elas e fazer uma análise das suas características morfométricas no contexto nacional visando, por fim a constituição de uma base de dados geográfica de referência das serras de Portugal. O trabalho, que inicialmente se pretendia superficial e genérico, acabou por obrigar a um aprofundamento, necessário, que aumentou significativamente a sua complexidade muito para além do que inicialmente se previra.